

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo de caso a partir de vivência sobre a Haus of Carão, casa-nicho do Movimento Cultural das Themônias (Belém/PA), para mostrar como afeto, tempo e cuidado operam como tecnologias sociais que estabilizam transições de gênero. A casa teve sede física (2017–2022), descontinuada por inviabilidade financeira; segue, porém, muito ativa em frentes sociais, culturais e artísticas, sustentando uma infraestrutura de acolhimento na qual muitas pessoas transicionaram com calma, modulando seus próprios ritmos (nome, corpo, apresentação) sem coerções hormonais ou expressivas. Rituais-síntese desta política do afeto incluem o “dia da dependência emocional” (encontro mensal “sem motivo”, por saudade e presença) e os “balneários” (convivência com piscina de plástico na rua e churrasco em casa de uma integrante), afirmando que a casa é também família, cuidado e respeito. Metodologicamente, combino autoetnografia situada, cartografia de práticas (rituais; pausas/reversibilidade; construção/desconstrução; contratos de imagem) e análise documental pública, entendendo tais práticas como museologia viva e patrimonialização comunitária da memória trans. Resultados: a casa-nicho atua como arquivo em processo e dispositivo de justiça social, regula exibibilidade (antiextrativismo), fortalece vínculos e reduz ansiedade/arrepentimentos, sem deslegitimar percursos biomédicos. Concluo que casas e coletivos devem ser reconhecidos e financiados como infraestruturas de cuidado e memória.

PALAVRAS-CHAVE

Memória trans. Museologia viva. Casa-nicho. Cuidado comunitário. Amazônia.

ABSTRACT

This article offers a lived-experience case study of the Haus of Carão, a care-niche within the Themônias Cultural Movement (Belém, Brazil), showing how affect, time, and care operate as social technologies that stabilize gender transition. The house kept a physical headquarters (2017–2022), discontinued for financial reasons; it remains highly active across social, cultural,

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

and artistic fronts, sustaining a welcoming infrastructure where many people transitioned calmly, modulating their own tempos (name, body, presentation) without hormonal or expressive coercion. Signature rituals include the “Day of Emotional Dependence” (a monthly gathering “for no reason,” driven by missing each other) and the “balneários” convivial days with a plastic pool on the street and a home barbecue hosted by a member, reaffirming the house as family, care, and respect, not only production/work. Methodologically, I combine situated autoethnography, a cartography of practices (rituals; pause/reversibility; construction/deconstruction; image-use agreements), and public document analysis, understanding these as living museology and community patrimonialization of trans memory. Findings: the care-niche functions as an archive-in-process and a device of social justice, regulating exhibibility (anti-extractivism), strengthening bonds, and reducing anxiety/regret, while not delegitimizing biomedical paths. I conclude that houses and collectives should be recognized and funded as care-and-memory infrastructures.

KEYWORDS

Trans memory. Living museology. Care-niche. Community care. Amazon.

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

1. Introdução

Este artigo parte de uma experiência concreta: a Haus of Carão, casa-nicho que se formou no interior do Movimento Cultural das Themônias em Belém do Pará e que, ao longo dos anos, consolidou um modo de existir que combina afeto, tempo e cuidado como gramática cotidiana. A casa manteve uma sede física entre 2017 e 2022. O encerramento desse espaço se deu por inviabilidade financeira, mas não significou o fim do projeto. Ao contrário, a Haus of Carão permanece muito viva e operante, articulando frentes sociais, culturais e artísticas, sustentando redes de apoio, produzindo programas e ações comunitárias, e mantendo rituais que dão coesão ao grupo. Interessa observar como essa vitalidade vira prática concreta de cuidado. Mostramos como esses arranjos cotidianos estabilizam a transição de gênero, respeitando o tempo de cada pessoa, sobretudo quando cada pessoa encontra autorização e liberdade para modular seus próprios ritmos sem coerções hormonais ou expressivas.

Essa leitura se aproxima do campo da Museologia Comunitária LGBTQIA+, tal como formulado por Tony Boita e Jean Tiago Baptista (2022), ao reconhecer que espaços construídos por e para a comunidade, mesmo quando não se autodenominam museus, podem operar plenamente como práticas museológicas. Para os autores, o pertencimento, o afeto e a vida comunitária constituem fundamentos suficientes para que determinados espaços sejam compreendidos como dispositivos de salvaguarda, produção de memória e proteção de trajetórias dissidentes. Nessa perspectiva, a museologia se desloca do edifício para a relação, do acervo para o cuidado, e da institucionalidade formal para a experiência vivida, permitindo compreender a Haus of Carão como um espaço potencialmente museológico, estruturado menos por coleções e mais pela sustentação cotidiana da vida.

A hipótese que orienta este estudo é simples e, ao mesmo tempo, estrutural: quando o tempo singular de cada corpo é respeitado e quando o cuidado circula como regra afetiva do convívio, a transição encontra um terreno menos friccionado, menos ansioso e mais consciente. No nosso caso, essa autorização temporal não é uma abstração. Ela se desenha na rotina de uma

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

casa que organiza encontros, dá nomes aos gestos e atualiza uma pedagogia de pertencimento. Dois rituais sintetizam esse modo de operar. O chamado Dia da Dependência Emocional, um encontro mensal sem pauta e sem justificativa utilitária, existe para matar a saudade e reafirmar a presença mútua. Os Balneários, dias de convivência com piscina de plástico montada na rua e churrasco numa casa do grupo, reiteram que o vínculo não se resume à produção e ao trabalho. A casa é família ampliada, cuidado cotidiano e respeito recíproco. Esses rituais funcionam como marcadores sensíveis de um calendário afetivo. Eles desarmam a pressa de performar e criam um clima de calma em que é possível experimentar, pausar, recomeçar e escolher.

Entendemos a Haus of Carão como uma infraestrutura que opera em duas camadas entrelaçadas. Na camada mais evidente, há a produção cultural e artística: curadorias, ensaios, eventos, circulação de obras e de saberes. Na camada subterrânea, há uma museologia viva (modo de guardar e ativar memórias em uso, no presente, por meio de práticas e objetos do cotidiano) que transforma objetos, gestos e documentos em um arquivo em processo. Cartazes, playlists, fragmentos de figurino, diários de produção, protocolos de imagem e mesmo as regras tácitas da convivência formam um acervo que se ativa toda vez que o grupo se encontra. Essa ativação contínua patrimonializa a experiência no presente, não como vitrificação, mas como cultivo. O arquivo não serve para congelar trajetórias. Ele protege, contextualiza, dá linguagem e proveitosamente limita o que deve ou não ser exibido, em que condições e com que consentimentos. Ao regular a exibibilidade (possibilidade de mostrar imagens ou relatos de alguém em público, com regras e contexto definidos), a casa enfrenta o extrativismo simbólico (uso de imagens ou relatos de grupos vulneráveis como recurso estético ou mercadológico, sem retorno ético) e a espetacularização da dor, temas recorrentes quando se fala de corpos trans, travestis e transmasculinos em cena pública.

O lugar do tempo nesta discussão é central. Nome social, apresentação pública e eventuais intervenções corporais não precisam acontecer no mesmo passo. O grupo legitima pausas e reversibilidades como parte do caminho e se organiza para que essas decisões sejam

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

informadas, compartilhadas e revogáveis. Nesse sentido, construção e desconstrução são uma ética aplicada. A pessoa pode testar uma expressão e recuar. Pode mudar de ideia sobre quando e como quer aparecer. Pode reescrever o modo como deseja ser vista sem que isso se converta em falha. O cuidado opera aqui como aquilo que sustenta o direito de tentar de outro jeito amanhã. Quando uma comunidade nomeia e protege esse direito, a transição deixa de ser corrida de chegada e passa a ser trajetória com licenças previstas.

Do ponto de vista metodológico, apresento um estudo de caso a partir de vivência. A autoetnografia situada (relato analítico escrito por quem participa da prática, com reflexão crítica e responsabilidade ética) oferece a espinha dorsal do texto, pois permite narrar a prática de dentro, descrevendo decisões, impasses e soluções que raramente aparecem em registros oficiais. A cartografia de práticas organiza o material em protocolos observáveis, como rituais de chegada, contratos de imagem e o já mencionado calendário afetivo. A análise documental pública do movimento costura essa observação com aquilo que foi publicado e circulado, de modo a manter a rastreabilidade ética do que é dito e preservar a avaliação duplo-cega ao evitar reidentificações indevidas. O objetivo não é fixar um modelo universal de casa, mas iluminar princípios transferíveis que podem ser adaptados por outras redes e coletivos.

A contribuição esperada desta investigação é dupla. Em primeiro lugar, propor uma leitura museológica para experiências que muitas vezes são vistas apenas como produção artística ou ativismo, quando na verdade elas também fabricam memória e criam lastro. Em segundo lugar, explicitar que esse lastro tem efeitos sociais relevantes, porque diminui ansiedade, previne arrependimentos e sustenta percursos biomédicos quando desejados. Não se trata de opor um caminho a outro, mas de qualificar as condições do processo. Ao final, defendendo que casas e coletivos como a Haus of Carão merecem reconhecimento e financiamento de base como infraestruturas de cuidado e memória. A sede física de 2017 a 2022 ajudou a consolidar essa gramática. O término do espaço não interrompeu o processo. A casa seguiu e segue viva, movendo a agenda do grupo e oferecendo um exemplo concreto de como o afeto, bem

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

administrado no tempo, pode ser política pública em miniatura, pronta para ser ampliada em escala quando houver vontade institucional.

2. Desenvolvimento

2.1. Movimento, casa-nicho e licença temporal

O Movimento Cultural das Themônias se consolidou como uma ecologia de encontros e linguagem que inventa parentesco por escolha e sustenta comunidade a partir do afeto. A Haus of Carão nasce nesse terreno fértil como casa-nicho, um lugar onde a convivência desacelera a pressa e onde construção e desconstrução deixam de ser ações pontuais para se tornarem uma ética cotidiana. A experiência da NoiteSuja ajuda a entender essa origem. O que começou como acontecimento de rua e de palco, aberto à experimentação, aos poucos se transformou em maneira de habitar o tempo. O evento tornou-se casa à medida que a recorrência dos encontros, a confiança e as regras de cuidado criaram um corpo coletivo com memória própria.

Há registros que descrevem a NoiteSuja como protótipo de lar, com a sensação reiterada de retorno e liberdade. Esse testemunho documenta a passagem do encontro festivo para um espaço que acolhe, dá língua e dá ritmo ao pertencimento. A narrativa é direta ao nomear a experiência de casa e o peso do acolhimento para quem enfrenta barreiras diárias de existência.

Dizia o texto da primeira edição da NoiteSuja, realizada no ano de 2014. Embora não tenha participado desta edição, posso afirmar que a sensação de cada NoiteSuja era como fazer um retorno para este registro e sentir-se em casa, sentir-se livre. [...] E o que era pra ser uma festa de drags para drags, acaba desenvolvendo-se como espaço de acolhimento e afeto. [...] O ter pra onde ir enquanto pessoa LGBTQI+, com todas suas individualidades e especificidades, tendo um local e acolhimento que podem ser na rua, no teatro, na calçada ou em uma boate, torna-se extremamente importante para esses corpos que no dia-a-dia precisam enfrentar diversas barreiras só para existir. (Gomes, 2022, p. 23)

Esse “ter para onde ir” vira método e se traduz em rituais simples que regulam o clima do grupo e trocam ansiedade por presença. O dia da dependência emocional é o mais explícito. Uma vez por mês, o encontro acontece sem pauta e sem justificativa utilitária. O motivo é a

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

saudade e a vontade de estar perto, com tempo para conversar, rir, cozinhar, cochilar, reparar no que mudou e no que ainda está em construção. Os balneários cumprem a mesma função por outra via. Em uma tarde de sol, uma piscina de plástico é montada na rua, um churrasco é improvisado na casa de alguém, a música ocupa o quintal, e a convivência reafirma que a família também se constrói em pequenas invenções domésticas. Esses gestos produzem um calendário afetivo, e o calendário oferece a licença temporal (chamamos de licença temporal o direito de pausar, testar e voltar atrás durante a transição sem punições simbólicas) que tantas vezes falta às trajetórias trans. É o direito de construir e desconstruir, de testar e recuar, de respirar e retomar a decisão no dia seguinte.

Essa dimensão do “ter para onde ir” encontra uma ressonância direta na formulação de Jean Tiago Baptista e Tony Boita ao analisarem a relação entre memória, esquecimento e espaços de acolhimento LGBTQIA+ no Brasil. Para os autores, a ausência histórica de lugares de pertencimento produz uma condição de vulnerabilidade ampliada, na qual a negação do espaço se converte em negação da própria memória. Ao discutir museus, patrimônios e espaços comunitários, Baptista e Boita afirmam que a construção de lugares de permanência e reconhecimento opera como resposta à exclusão sistemática das dissidências sexuais e de gênero dos regimes oficiais de memória, tornando o espaço comunitário uma forma concreta de enfrentamento ao apagamento (Baptista; Boita, 2017). Nesse contexto, a casa-nicho não aparece como metáfora afetiva, mas como infraestrutura simbólica que devolve continuidade às trajetórias.

A cultura de casa aparece como retroalimentação e parentesco por afeto. O editorial e o manifesto da primeira Revista das Themônias explicitam a centralidade de ancestralidade e família eletiva. A formulação é clara ao ligar o cuidado que gera casas e linhagens a uma noção ampliada de família, que muitas vezes não é de sangue, mas de resgate.

No mesmo dossiê editorial, o movimento se define como ação, contágio e reinvenção de si, acentuando que o primeiro encontro é consigo para então encontrar o outro. Essa chave

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

ajuda a ler a casa como lugar de agência temporal, onde a pessoa autoriza o próprio ritmo e ajusta a maneira de se mostrar ao mundo sem punição por mudar de ideia.

O que são Themônias? O que é themonização? [...] Somos ação, movimento, algo que acontece, arrasta o que tiver pela frente [...] contágio artístico de olhares e relações criativas e sensíveis em retroalimentação, ser Themônia é botar pra fora, ser autêntica, ser você mesma, se ver e se reinventar em si, é o primeiro encontro antes de ir ao encontro, se encontrar em si para encontrar o outro. (Manifesto das Themônias, 2020, p. 11)

A literatura acadêmica sobre o cenário local localiza a NoiteSuja como coletivo responsável por visibilidade, lazer, acolhimento e representatividade, e sublinha que parte das mudanças identitárias se dá no tempo, razão pela qual se protege nome e trajetória para evitar reidentificações indevidas. Essa leitura sustenta a ideia de licença temporal como política de cuidado.

Existe na cidade um coletivo/movimento chamado ‘NoiteSuja’ que reúne themonias, drags de todos os tipos, artistas queer, e outros corpos estranhos. [...] O coletivo é responsável por atuar na visibilidade destes corpos e consequentemente da arte que realizam, além de proporcionar um ponto de encontro para lazer, entretenimento, acolhimento e representatividade destas pessoas. (Latif; Olaia; Bentes; Luz, 2022, p. 193)

Tal demarcação se faz importante para reforçar o respeito a identidades trans e não-binárias, reiterando que as falas neste trabalho utilizadas dizem respeito a determinado momento histórico da vida destes indivíduos [...] optou-se por ocultar o antigo nome de registro. (Latif; Olaia; Bentes; Luz, 2022, p. 192)

Essa preocupação com tempo, nome e contexto converge com o entendimento de Boita e Baptista de que a Museologia Comunitária LGBTQIA+ se estrutura como prática de proteção da vida, na qual a salvaguarda da memória não pode ser dissociada das condições materiais e afetivas de existência. Ao afirmarem que a memória, para populações LGBTQIA+, está diretamente vinculada à sobrevivência, os autores reforçam que práticas comunitárias de cuidado, quando sustentadas no tempo, produzem efeitos museológicos mesmo fora de instituições formais (Boita; Baptista, 2022). A licença temporal, nesse sentido, pode ser lida como uma tecnologia de memória viva, que protege trajetórias em vez de fixá-las.

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Com o método estabelecido pelo próprio Movimento das Themônias, a Haus of Carão oferece três garantias. A primeira é a calma. Ninguém precisa acelerar a própria narrativa para corresponder às expectativas externas. A segunda é a agência temporal. Nome, corpo e apresentação podem caminhar em ritmos diferentes, com pausas e reversibilidades previstas, e com construção e desconstrução como métodos legítimos de cuidado. A terceira é a proteção contra o extrativismo. Os combinados de imagem e o consentimento renovável fazem da casa um filtro ético que impede a espetacularização da dor e preserva o contexto como parte da obra e da vida.

A vitalidade da Haus of Carão não depende de uma sede fixa. A sede entre 2017 e 2022 foi crucial para consolidar hábitos, mas a casa continuou ativa porque seus fundamentos são portáteis e profundos. O que sustenta o processo são relações, rituais, regras de cuidado e a vontade política de manter aberto um espaço de calma. Essa continuidade é o que transforma um coletivo artístico em suporte real para transições. A licença temporal aqui não é concessão excepcional. É o tecido mesmo da vida em comum.

2.2. Metodologia viva e arquivo em processo

Para entender por que a Haus of Carão favorece transições mais calmas, é preciso tomar o afeto como método e a casa-nicho como tecnologia social (conjunto de regras simples e repetíveis que organizam o cuidado no dia a dia). O caso empírico de uma casa ativa no interior do Movimento das Themônias funciona como laboratório vivo de cuidado, onde o tempo se dilata, a convivência estrutura percursos e rituais cotidianos sustentam processos de autoformação sem coerções médico-normativas. Afeto aqui não é ornamento. Ele organiza rotinas, legitima ritmos internos, costura redes e transforma a convivência em proteção.

Essa chave metodológica implica tratar a casa como espaço de formação de pessoas, e não como simples plataforma de execução cultural. Formação, no nosso sentido, não é formatar.

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

É criar condições para que cada uma se autoforme dentro de um comum concreto, com corpos e vínculos. A formulação de Maria Clara Araújo dos Passos sobre currículo insurgente e práxis ajuda a nomear esse gesto educador da casa. A indicação de Nilma Gomes e Paulo Freire no texto de Maria Clara são decisivas porque colam ação e reflexão na mesma pele do cotidiano:

Por compreendermos que não existe conhecimento desvinculado das ações de seus atores sociais, a crítica curricular construída neste artigo toma ação e reflexão enquanto indissociáveis em uma interação radical. Assim, resultando numa práxis que impulsiona os sujeitos a se apropriem de uma humanidade que pronuncia o mundo. (Gomes; Freire apud Dos Passos, 2019, p. 201)

Essa compreensão de formação como práxis encontra eco direto na Museologia Comunitária LGBTQIA+, que entende processos educativos como inseparáveis das condições concretas de vida das comunidades. Boita e Baptista afirmam que a museologia comunitária LGBTQ+ opera como um campo pedagógico voltado à formação de sujeitos e coletivos capazes de deliberar sobre suas próprias memórias e necessidades, articulando cuidado, pertencimento e direitos humanos como fundamentos do aprendizado coletivo (Boita; Baptista, 2022). Nesse sentido, a metodologia viva da Haus of Carão se alinha a uma pedagogia museológica que forma pessoas antes de organizar acervos.

No horizonte político, o comum de que falamos precisa de materialidade. Ailton Krenak escreve que o comum não é uma abstração, mas algo que se faz com corpos que andam, respiram e imaginam, e que a cidade capturada pela produção privatiza a vida (Krenak, 2022). Quando uma casa como a Haus of Carão sequestra, nem que seja por uma tarde de piscina de plástico e churrasco, um pedaço da rua para existir em calma, ela devolve corpo ao comum e reordena prioridades. Antes da agenda, a pessoa. Antes da vitrine, o tempo. Essa é a operação que requalifica a transição como trajetória acompanhada, e não como corrida de chegada.

Do ponto de vista estético-político, as publicações das Themônias por si só já registram que o afeto é operador de descolonização sensível. A revista formula uma pedagogia de si que desloca margem e centro, com um programa explícito de territorialização do corpo e de virada

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

subjetiva que sustenta a nossa leitura da casa como formação. A passagem de Gabriela Luz, a Sarita Themônia, é eloquente e pede leitura lenta:

Detectar os elementos de territorialização que demarcam nossos corpos tem sido parte estratégica da nossa descolonização [...]. Somos as inimigas do fim [...]. A montagem, como distúrbio desterritorializante [...] vivendo como Themônias a montagem em desconstrução permanente de todos os possíveis sentidos. (Luz, 2020, p. 7)

Em chave complementar, o enunciado sobre ancestralidade e família escolhida como fundamento do acolhimento dá o berço da nossa tecnologia social:

Reconhecimento de ancestralidade afro amazônica (...) família é quem te resgata do outro lado (...) themonização do afeto (...) enxergar o afeto como construção social. (Manifesto das Themônias, 2020, p. 15)

A casa-nicho se define por ritos e constância. O Dia da Dependência Emocional e os Balneários dão materialidade a essa pedagogia. São encontros sem pauta produtivista que protegem a licença temporal da transição e autorizam a sequência de construção e desconstrução com segurança. Experimentar hoje e recuar amanhã deixa de ser erro e passa a ser método. Como lembra Krenak em outra passagem, vale proteger o período em que a pessoa se autoforma, e não a forçar a caber em molduras (Krenak, 2022). Essa proteção é precisamente o que nossa casa pratica quando legitima pausas e reversibilidades como parte do caminho.

No plano das artes, essa licença rebaixa o imperativo de perfeição e reinscreve o corpo em chave processual. O dossiê *Corpos em Divergência* denuncia a maquinaria normativa que recai sobre corpos em cena e sobre o corpo das mulheres, o que aqui traduzimos como o problema que a casa contorna com sua ética de tempo. Por isso vale questionar:

Toda uma tecnologia complexa e variada se produz sobre o corpo do ator (...) converter o corpo em território de normatividades (...) verdades universais ditas por um sujeito universal (...) toda uma tecnologia complexa e variada se produz sobre o corpo da mulher (...) apagar-se, eis o mandamento da mulher no primado do sistema sexo-gênero-capitalismo-colonialismo. (Latif; Olaia; Bentes; Luz, 2022, p. 128)

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A crítica às capturas extrativistas que orbitam corpos trans em cena encontra reforço contundente no Manifesto Traveco-Terrorista da pesquisadora Tertuliana Lustosa, que desvela a engrenagem de apropriações e o fetichismo da dor. Integrar essa voz ao estudo de caso nos ajuda a cravar que a casa não é vitrine, é barreira ética contra a espetacularização. A passagem que situa a antropofagia enquanto apropriação colonizadora é ponto de virada para pensar nossas regras de exibibilidade e consentimento renovável: a linguagem vanguardista que se alimenta da periferia “reverbera ressonâncias coloniais” (Lustosa, 2016, p. 387) e transforma o outro em insumo para circuitos de capital simbólico. Essa denúncia sustenta a nossa prática de contratos de imagem, opacidade e contexto como parte do cuidado.

Essa posição ética encontra respaldo direto na Museologia Comunitária LGBTQIA+, quando Boita e Baptista afirmam que a salvaguarda da memória não pode ser dissociada da proteção da vida, e que práticas museológicas comunitárias devem operar como barreiras contra a exploração simbólica e institucional das existências dissidentes (Boita; Baptista, 2022). O arquivo em processo, nesse contexto, não coleta experiências para exibição, mas regula cuidadosamente o que pode circular, quando e sob quais condições.

A poética de Larissa Latif (2022) oferece a segunda ancoragem para a nossa engenharia de cuidado. Ao definir uma pesquisa localizada que se faz em lugar concreto, nas materialidades e poderes que constituem possibilidades de existir, Latif dá o léxico de que precisamos para ler a casa como dispositivo de criação situada.

É uma poética localizada, no sentido de que a criação artística se faz sempre a partir de um lugar concreto, na materialidade das relações, dos corpos sensíveis e do poder que perpassam e constituem as possibilidades de existir e de criar nossas existências na história e na cultura. (Latif, 2022, p. 18)

Mais adiante, quando afirma que nenhuma narrativa emancipadora pertence totalmente a um indivíduo, traduzimos em termos da casa que o cuidado é sempre plural e de família ampliada.

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Reagrupando os fios, a tecnologia social da Haus of Carão se expressa em protocolos transferíveis. Construção e desconstrução cuidadosas como direito. Pausas e reversibilidades previstas. Regras claras de circulação de imagens e documentos com consentimento renovável. Rituais que estabilizam o humor do grupo e protegem o calendário afetivo. Tudo isso sem depender de sede fixa, porque o fundamento é relacional. No vocabulário themônia, isso se chama retroalimentação e parentesco por afeto, e aparece como programa de mundo, não como detalhe retórico. É a transformação do grupo em casa, do evento em infraestrutura, da pressa em tempo. Quando lidas assim, formação e memória deixam de ser coleções frias para se tornarem um arquivo em processo. Tudo que é construído no cuidado coletivo volta à vida a cada encontro, não para vitrificar, mas para proteger trajetórias do extrativismo e da lógica de espetáculo para corpos trans. Essa é a política cotidiana que sustenta transições mais calmas e conscientes no interior do movimento, especificamente, na Haus of Carão.

2.3. Afeto como método, casa-nicho como ecologia de cuidado

Há um ponto em que o “afeto” deixa de ser palavra confortável e passa a operar como tecnologia de sobrevivência. Quando o cuidado se organiza como hábito, a casa-nicho vira método: uma ecologia de tempo (calendário afetivo), linguagem (combinações claras) e limites (consentimento renovável) que desacelera o pânico, neutraliza a pressão dos modelos de transição e estabiliza percursos singulares. No interior do Movimento das Themônias, a Haus of Carão é esse diagrama concreto. O arranjo cotidiano das rotinas de encontro ao “dia da dependência emocional” cria um chão de confiança que reencena a transição como processo coletivo. Isso não romantiza a vulnerabilidade, mas confere a ela gramática, intervalo, borda.

Juliano Bentes (2023), ao aprofundar o léxico da themonização no capítulo “Themonizando o afeto: em guerra contra o sistema”, desloca o afeto do plano subjetivo para o campo tático. Em vez de “sentir”, trata-se de “redistribuir as condições de sentir” dentro de uma coletividade que prioriza vínculos, pactua limites e, por isso mesmo, altera o regime de inteligibilidade sobre corpos trans. A ênfase está em como círculos de cuidado desarmam

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

roteiros normativos e reescrevem a própria ideia de família. O argumento emerge com força nos trechos em que o autor amarra construção social do afeto, negação do afeto familiar e invenção de parentescos escolhidos:

O afeto primário, que deveria ser o amor familiar, muitas vezes nos é negado, levando a uma reconstrução alternativa dessa forma de afeto familiar. A família passa a existir onde se escolhe, onde se cabe e onde se é aceito. As Themônias, em grande parte, se consideram família e se sustentam, psicologicamente, umas nas outras, para continuarem existindo. (Bentes, 2023, p. 202)

Esse mesmo capítulo articula o afeto como operador político e pedagógico, rebatendo a cisnorma com práticas de cuidado reiteradas e visíveis. Em outro trecho, o autor explicita a torção ética que fundamenta a casa-nicho:

O afeto como arma chega de forma intensa para as outras comunidades artísticas da cidade de Belém. A importância de se apoiar psicologicamente, de reforçar nosso corpo político, de existir e viabilizar a existência de quem está ao redor. O afeto como método transgressor em ação. (Bentes, 2023, p. 205)

Essa leitura do afeto como método encontra correspondência direta na Museologia Comunitária LGBTQIA+, quando Boita e Baptista afirmam que práticas de memória comunitária se estruturam a partir da vida compartilhada e do cuidado como princípio organizador, e não da neutralidade institucional. Para os autores, o afeto é parte constitutiva da prática museológica comunitária, pois é ele que sustenta vínculos, ativa pertencimento e impede que a memória se converta em dispositivo de violência simbólica ou captura institucional (Boita; Baptista, 2022). A casa-nicho, nesse sentido, opera como ecologia museológica do cuidado, onde o afeto é critério ético e político de organização do comum.

Na tessitura dessas práticas, a Haus of Carão realiza algo que a pesquisa de campo das revistas Themônias já havia sinalizado: a passagem de “festa” a “infraestrutura de pertencimento”. A chave está nos encontros recorrentes que não precisam de justificativa produtivista, mas produzem pertencimento.

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Do ponto de vista ético, a “guerra” nomeada por Bentes não é metáfora bélica vazia, é o diagnóstico das pressões normativas que tentam reduzir vidas a roteiros de aceitabilidade. Em sua análise imagética e política, Jocy Meneses dos Santos Junior reforça a centralidade do cuidado como contra conduta:

É esse o contexto em que estendo a noção de guerra para a discussão sobre as múltiplas formas de violências cometidas contra as “minorias” [...] certas pessoas são colocadas no lugar de “vilãs” [...], impostos arbitrariamente através de procedimentos de diferenciação, de distanciamento e de coisificação do outro [...] Por isso, é imprescindível atentar para (e também contra) os modos pelos quais as imagens então estão implicadas na produção e reprodução do que Judith Butler denomina “esquemas normativos de inteligibilidade”. (Junior, 2023, p. 213)

Se a “guerra” é essa matriz de violência difusa, a resposta não é o heroísmo individual, mas o desenho de ambientes que tornem possível viver. Por isso a casa-nicho se mantém mesmo sem sede física, reencenando vínculos por meio de rituais simples e regulares, como o dia da dependência emocional, que estabilizam o comum e alargam o horizonte de quem transiciona.

Ao mesmo tempo, é preciso lembrar que “afeto” não é amortecimento político. Em chave transfeminista, Tertuliana Lustosa recusa o apagamento e reintroduz a fricção necessária para desarmar padrões de verdade sobre corpos e modos de vida. Essa fricção não nega o cuidado; impede que ele seja cooptado pela moralização cishetero. A passagem a seguir ajuda a localizar essa tensão no campo das estratégias:

O terrorismo daquela pessoa que o senhor chama de traveco é uma posição filosófica de escavamento das suas frequências não-binárias e também uma não aceitação dos modos de vida cisgênera como verdade única. Terrorismo como uma desfeitura das armas coloniais através do erro, da desordem e da produção de uma contraconduta que incomoda [...], porém, que resiste. (Lustosa, 2016, p. 398)

É justamente nessa tensão entre cuidado e fricção que a Museologia Comunitária LGBTQIA+ se diferencia de abordagens conciliatórias. Boita e Baptista afirmam que práticas museológicas comunitárias não têm como objetivo harmonizar conflitos, mas criar condições para que a vida dissidente se sustente sem ser capturada por regimes normativos de

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

inteligibilidade ou por políticas de respeitabilidade (Boita; Baptista, 2022). O afeto, aqui, não apaga o conflito, mas o reinscreve em um ambiente onde ele não produz aniquilação.

Por fim, volto ao ponto que nos interessa metodologicamente: a casa-nicho como ecologia de cuidado que reprograma afetos e, com isso, reconstrói a própria transição como dramaturgia coletiva. Na formulação de Juliano Bentes, essa mudança é perceptível quando o coletivo desloca o afeto do campo do “ideal” para o plano das práticas e contratos cotidianos entre pessoas, abrindo espaço para processos sem pressa nem coerções:

Se o sistema se cultiva a partir de competitividade, de individualidade [...] é preciso que saibamos nos unir, cuidar uns dos outros, reconstruir e reaprender formas de nos afetarmos pelos nossos. Mudando os afetos a gente muda o sistema. (Bentes, 2023, p. 205)

Essa é a cartografia que a Haus of Carão tem produzido dentro do movimento: uma política da calma que não é inércia, mas método; um parentesco escolhido que não é refúgio apolítico, mas a condição para que a vida trans se mantenha expansiva, inventiva e em paz com seu próprio tempo.

3. Conclusão

A Haus of Carão demonstra que políticas de memória e de cuidado podem nascer de práticas contínuas e aparentemente pequenas. Quando a convivência organiza o tempo, quando a construção e a desconstrução são reconhecidas como métodos legítimos de aprender sobre si e de aparecer no mundo, a transição deixa de ser uma corrida e passa a ser uma dramaturgia coletiva, acompanhada e menos violenta. O período da sede, entre 2017 e 2022, consolidou hábitos e vocabulários, mas a vitalidade posterior mostrou que a essência da casa é relacional e portátil, sustentada por rituais, calendários afetivos e acordos de exibibilidade. Ao proteger pausas e reversibilidades e ao regular o uso de imagem, a casa produz um arquivo vivo que valoriza memórias trans no presente, sem congelá-las nem espetacularizá-las. Essa gramática concreta responde a ambientes hostis e reconfigura o pertencimento como prática diária, com efeitos palpáveis na saúde emocional e na continuidade dos projetos de vida.

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Essa compreensão da casa como produtora de memória viva dialoga diretamente com a Museologia Comunitária LGBTQIA+, que reconhece espaços comunitários como dispositivos legítimos de salvaguarda quando orientados pela vida compartilhada e pelo pertencimento. Para Boita e Baptista, a museologia comunitária não se define pela institucionalização formal, mas pela capacidade de sustentar a memória como estratégia de proteção da vida, sobretudo em contextos marcados pelo apagamento histórico das dissidências sexuais e de gênero (Boita; Baptista, 2022). A Haus of Carão confirma empiricamente essa formulação ao operar como espaço onde memória, cuidado e continuidade existencial se entrelaçam no cotidiano.

O percurso analítico confirma que afeto não é ornamento nem atalho retórico. Ele reorganiza infraestruturas e reposiciona a cultura como campo de justiça social. No léxico que atravessa o capítulo de Juliano Bentes (2023) no AECE, o afeto opera como base de uma “cura coletiva” que altera o regime de inteligibilidade dos corpos, desloca o padrão competitivo e privatista e reinscreve vínculos como estratégia de transformação de sistema, não como concessão íntima. A ênfase recai na passagem do ideal para o cotidiano: cuidar uns dos outros, pactuar limites e sustentar presença “muda o sistema” porque muda os afetos que o alimentam.

As publicações do próprio movimento mostraram que essa política se aprende e se pratica em casa, na rua, na beira da piscina de plástico, no churrasco de quintal, na revista que narra a noite como lugar de acolhimento, na expografia que recentra corpos dissidentes, na decisão recorrente de existir com calma. É esse tecido que patrimonializa experiências sem vitrificá-las, reconhecendo o agora como tempo de arquivamento e de invenção. Ao nomear a família escolhida como primeiro afeto a ser restituído e ao tratar o afeto como construção social, as Themônias inscrevem um programa de mundo que harmoniza estética e cuidado e que se mostrou replicável em protocolos simples e eficazes.

Nesse sentido, a casa-nicho se inscreve no que Boita e Baptista identificam como práticas museológicas comunitárias que acontecem “na rua, nos espaços precários e nos territórios da vida cotidiana” (Boita; Baptista, 2022, p. 21), onde a memória não é coleção, mas

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

relação em permanência. A patrimonialização aqui não fixa o passado, ela sustenta o presente e abre futuro, garantindo que as trajetórias trans possam continuar a se narrar a partir de seus próprios tempos e condições.

Há, por fim, uma implicação pedagógica e pública. Quando falamos de formação, não se trata de formatar pessoas, mas de garantir as condições para que elas se autoformem no comum. Essa é a lição que atravessa tanto a crítica curricular decolonial, para a qual ação e reflexão são indissociáveis na práxis, quanto as proposições amazônicas sobre confluências e reinvenção de modos de vida. Traduzida para a política cultural, ela indica o óbvio que tantas vezes falta: reconhecer e financiar casas e coletivos como infraestruturas de cuidado e memória, com custos de base assegurados, para que calendários afetivos, regras de imagem e rituais de presença façam o que já demonstraram ser capazes de fazer. Produzir pessoas e mundos, e com isso produzir também arquivos vivos onde as trajetórias trans possam continuar, com tempo, respeito e alegria.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony. *Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil*. Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC, São Paulo, v. 5, p. 108–119, 2017.

BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean Tiago. *Museologia Comunitária LGBTQIA+: Museu Transgênero de História da Arte e Ponto de Memória Aquenda as Indacas no ensino de Museologia*. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 11, n. 21, p. 18–28, 2022.

BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean Tiago (org.). *Museologia Comunitária LGBTQIA+ e outros ensaios queer interseccionais*. São Paulo: Museu da Diversidade Sexual, 2022.

BENTES, Juliano. *Themonizando Afetos: Em Guerra contra o Sistema*. ARTE| ÉTICA| CRÍTICA| ESCRITURA: QUE NENHUMA VOZ DA REALIDADE HUMANA SEJA

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

EMPURRADA PARA BAIXO DO SILÊNCIO DA HISTÓRIA-TOMO I. Org. Lindomberto Ferreira Alves & Phoebe Coiote Degobi. 2023.

DOS PASSOS, Maria Clara Araújo. *O currículo frente à insurgência decolonial: constituindo outros lugares de fala*. Cadernos de Gênero e Tecnologia, v. 12, n. 39, p. 196-209, 2019.

GOMES, Ana Paula. *O Que Fica É a História*. 2º Revista das Themônias. Publicação Independente. 2022. Disponível em: <https://tr.ee/zRWvPO4fox>

JUNIOR, Jocy Meneses dos Santos. *Como as Imagens Podem Ajudar em Uma Guerra? Sobre os Ataques às “Minorias” e algumas formas de contra-atacar*. ARTE| ÉTICA| CRÍTICA| ESCRITURA: QUE NENHUMA VOZ DA REALIDADE HUMANA SEJA EMPURRADA PARA BAIXO DO SILÊNCIO DA HISTÓRIA-TOMO I. Org. Lindomberto Ferreira Alves & Phoebe Coiote Degobi. 2023.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. Companhia das Letras, 2022.

LATIF, Larissa; OLAIA, Pedro; BENTES, Juliano; LUZ, Gabriela. *Poéticas e políticas do corpo insurgente amazônico - ou quatro artistas themônias criam um megazord*. Corpos em Divergência. Org. Afonso Medeiros e Otto Vasconcelos, p.112-134, 2022.

LATIF, Larissa. *Ensaio sobre serpentes: uma poética cênica para desfazer políticas de morte*. Repertório, Salvador, ano 25, n. 39, p. 16-39, 2022.

LUSTOSA, Tertuliana Mascarenhas. *Manifesto traveco-terrorista*. Revista Concinnitas, 2016.

LUZ, Gabriela. *Desconstrução Permanente*. 1ª Revista das Themônias. Publicação Independente. 2020. Disponível em: <https://tr.ee/yzIhoTx8mx>

THEMÔNIAS, *Manifesto das*. 1ª Revista das Themônias. Publicação Independente. 2020. Disponível em: <https://tr.ee/yzIhoTx8mx>

Casa, tempo e cuidado trans: a Haus of Carão como prática museológica viva de memória trans

JULIANO BENTES

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 04 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025